

Redacção, administração e Officinas-tipográficas

Rosa de Agostinho Pinheiro
AVEIRO

Campeão das Províncias

Decano dos jornais portugueses

fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Director de 1 de Agosto de 1896 a 5 de Outubro de 1922 — Firmino de Vilhena de Almeida Maia

ASSINATURAS — Em Portugal, 5\$20. Para a África, 10\$00. Para os restantes países, 18\$00 (moeda forte).

Número do dia, \$15; atrasado, \$20.

A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispender com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mês e cobrada, na falta de acordo especial, no começo de cada trimestre.

Não se restituem originaes

Publica-se aos sábados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS — Na 1.ª página, 1\$00; na 2.ª \$80; na 3.ª \$50; na 4.ª, \$40; na 5.ª e 6.ª 30; na 7.ª e 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelos linómetros cp.ºs 10 e 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10 % nas publicações ou impressos feitos nas nossas Officinas-tipográficas.

A crise de trabalho na Inglaterra pôde avaliar-se pelos seguintes números:

Desempregados... 1.359.100

O sr. Leonardo Coimbra, agora, diz que em breve tornará públicos os motivos que o levaram a pedir a sua demissão. Esperámos.

Mas para que o faz? O caso parece arrumado — tal é o ambiente de silêncio de que se vê rodeado. Se até os monárquicos lhe disseram que estava a ser inconstitucional!

O Primeiro de Janeiro. — Tendo entrado, no passado dia 1, no seu 55.º aniversário este importante e tão conceituado diário, que, através de tantas vicissitudes por que passa a imprensa, se conservou sempre um dos melhores ornamentos do jornalismo português, o «Campeão» envia ao seu colega do Norte as mais sinceras felicitações, e em especial ao seu director, sr. Jorge de Abreu, que o tem sabido manter a uma altura e numa posição verdadeiramente invejáveis.

Victor Marguerite, prosador e poeta dos mais apreciados em França, conceituado jornalista, foi irradiado por unanimidade da Legião de Honra, por causa de certas passagens do seu recente livro «La Garçonne», que a Grande Chancelaria da mesma Legião, em processo para esse fim instaurado, julgou imorais. O certo é, porém, que a tiragem da obra atingiu imediatamente o número de 200.000.

Entre nós, dá-se o contrário. Escritores há que escrevem verdadeiros horrores, e ainda os fazem membros da Academia. Nada tem uma coisa com a outra, dir-se-á — mas a essência da obra é que constitui a obra.

Mas a verdade, também, é que cada um tem a sua opinião.

M.º Brouillard, a célebre adivinha, foi presa, há tempos já, e alguém perguntou-nos por que é que, adivinhando ela tudo, não adivinhou que ia ver-se neste apuro. Verdade diga-se, concluiu o nosso consulente, que ela ainda não tirou a «sorte grande» nem numa cautela de três — quando as havia.

De todos são conhecidos os es-

Notas de um Republicano

Palavras firmes

Fêz-nos o sr. Mayer Garçon, o brilhante e sêdulo causidico da ideia democrática, o velho republicano dos entusiasticos e arrebatadores tempos da Propaganda, que lutou com os que lutaram e sofreu com os perseguidos, amáveis referências que nunca pretendemos merecer-lhe.

A uns tão modestos como simplez reparos que no último número do «Campeão» fizemos ao seu artigo *Principios e tradições no Mundo* de 27 de dezembro findo, respondeu-nos o sr. Mayer Garçon com esse pedaço de prosa que vamos transcrever, e que é, gratamente o afirmamos, a aprovação dada pelo experiente e laborioso professor, ao discípulo que só tem, para se impôr, a sua grande, a sua imensa vontade de bem aprender para com segurança agir.

E transcrevendo-o no seu lugar de honra, o *Campeão* agradece assim a honra que ao *Campeão* benévola mente quis dar o jornalista *comme il faut*.

Ao *Campeão das Províncias*, que é um jornal onde se escreve com as mãos e não com os pés, sendo de resto a sua correção bem natural num órgão que é o decano da imprensa portuguesa, mereceu reparos o artigo que nesta secção publiquei, subordinado ao título: *Principios e tradições*. E como o discute com aquela elevação que eu já acentuei ser indispensavel para determinados assuntos, que interessam as esferas das mais altas ideias, só me pôde ser grato responder ás suas considerações, não com a elegancia que presume na minha pena, mas com a sinceridade de quem não está na República senão para afirmar os fóros da razão e os direitos da liberdade.

No artigo que motivou as observações do *Campeão das Províncias* tentei eu demonstrar um facto que só pôde ser rebatido pela má fé mais odiosa ou pela mais crassa ignorancia. Esse facto é o de nunca, nas suas doutrinações ou mesmo no seu programa, os republicanos dos tempos da propaganda terem instituido como um principio dogmatico a obrigação de ser ateu ou inimigo da religião. O que os republicanos queriam, e o que fizeram, foi a separação da Igreja do Estado. Separar, porém, o Estado e a Igreja não significa torná-los inimigos. Não o são na República dos Estados-Unidos, como o não são na República Francesa, como já não são, se alguma vez o foram, na República Brasileira. E por isso mesmo o nome de Deus é frequentemente invocado na Grande República que Washington e os seus companheiros fundaram, como foi Ruy Barbosa, espirito profundamente religioso, quem elaborou em meia duzia de artigos, claros, precisos, leves, insofismaveis a lei da separação no Brasil, e ninguém ignora tambem que a França é uma nação eminentemente cristã, tendo desaparecido depois da guerra todos os equívocos ou malquerenças que existiam entre a Igreja e o Estado republicano.

Fo isto o que eu disse, e para o comprovar citei um trecho da proclamação revolucionaria do 31 de Janeiro, e enfeixei os nomes de Guerra Junqueiro, Alves da Veiga, Rodrigues de Freitas, Sampaio Bruno, José Falcão, Manuel de Arriaga, dr. Pais Pinto, Latino Coelho, e muitos outros poderia acrescentar, como os de José Caldas, Eduardo Abreu, Teixeira de Queiroz, numa palavra toda a melhor *élite* do pensamento republicano, porque mesmo José Elias Garcia, Consiglieri Pedrosa, Bernardino Machado, nunca fizeram campanhas sistematicas contra o sentimento religioso. Nomes que se possam contrapor a estes nunca se podetão obscurecer, e eu tive mesmo ensejo de notar que Teofilo Braga, ateu confesso, nunca enveredou para as práticas de grosseiros sectarismos, o mesmo se podendo dizer de Magalhães Lima, livre-pensador, mas homem de educação e de espirito, que ainda ha pouco verificava que as campanhas anti-religiosas já não tinham viabilidade nas nações mais adiantadas do globo.

Mas não ha quem discuta a fé! exclama o *Campeão das Províncias*. Se não houvesse quem discutisse as crencas religiosas, que devem ser inviolaveis pela liberdade de consciencia, não havia quem pretendesse pro e ver do campo da democracia portuguesa todos aqueles republicanos que não duvidam afirmar essas crencas «perfeita e inteiramente subjectivas». Porventura o *Campeão das Províncias* ignora o que se passa em certos arraiais extremistas, onde se tem da liberdade, sob a República, uma concepção igual á dos inquisidores no tempo da monarchia? Não o ignora, por certo, e sendo assim, terá verificado que se pretende exercer uma coacção sobre o espirito de todos os republicanos, apresentando-lhes, como absolutamente antagonicos, os sentimentos religiosos e os ideais da democracia.

pancamentos de que foram vítimas, nas últimas eleições camarárias em Lisboa, velhos republicanos, republicanas firmes, de todos são conhecidos os truques de que se serviram os monárquicos para vencerem em algumas assembleias.

Viciados como estavam os resultados obtidos, foram mandadas repetir as eleições nessas assembleias.

Os monárquicos sentem-se perdidos, compreendem que, bem vigiados e guardadas as urnas, sofrerão uma formidável derrota — é vê-los já barafustando, porque querem validadas as eleições. Eles, que disputaram as maiorias, contentam-se agora com as simplez minorias, que conseguiram *mercê da sua velha prática*.

Veremos a tal «formidável, retumbante vitória». Veremos se conservam ao menos o trinco, já que não conquistaram a *chave*.

Segundo um telegrama de Roma, transcrito no *Mundo*, D. Manuel (assinando D. Manuel 2.º, rei de Portugal) lavrou um respeitoso protesto perante a Santa-Sé contra a facto de ella conceder ao Presidente da República a prerogativa da imposição do barrete cardinalicio, por isso que *essa prerogativa pertencia á coroa portuguesa, e que elle é o único e legítimo soberano de Portugal*.

No Vaticano, sorriram, motejou-se, e comentou-se: é uma perrice de menino, que fala de longe, e que já esqueceu a... vitoriosa fuga.

E o que dirão os senhores integralistas?

Uma nota curiosa: foi emfim prêsso Eduardo Nunes, o «Assanhado», que tem já um vastissimo cadastro policial, e que é um dos indigitados assassinos no crime de Casal Ventoso. No caminho para a esquadra, elle que é muito loquaz, foi contando aos guardas a sua odisseia, e a certa altura: «desde que fugi, pouco me assaltava o receio de ser prêsso. Eu lia todos os dias os jornais, de forma que andava sempre bem informado sobre as deligencias policiaes para a minha prisão».

DO *Mundo*, recortamos:
«Quando os heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura

Cabral foram a Braga, o proprietário da alfaiataria Pacheco, da rua de S. Marcos, delirante de entusiasmo, exhibiu na frontaria da loja, numa grinalda de lampadas electricas, a seguinte saudação:

*Biva os Hávia Dores
Biva ás aguas Luz e tanas*

Garantimos a autenticidade:— e louvamos a intenção da alfaiataria Pacheco.

Gazeta de Coimbra—O sr. João Arrobas, incansável defensor dos interesses de Coimbra, acaba de dar uma nova forma ao seu conceituado jornal *Gazeta de Coimbra*, que muito o amplia e embeleza, e que inicia publicando as fotografias de alguns seus colaboradores.

Ao velho amigo, as nossas cordeais felicitações—por isso que desejar prosperidades a uma gazeta tão progressiva é já uma redundância.

Notas de carteira

fazem anos:

Hoje, as sr.^{as} D. Crisanta Regala de Rezende, D. Ana Faria Milanos (Cadoro), D. Elvira Faria Milanos (Cadoro) e D. Margarida de Lemos Magalhães.

Amanhã, as sr.^{as} D. Maria Isabel Alves de Oliveira e D. Lucila Lopes de Almeida.

Além, a sr.^a D. Elisa de Seabra Rangel e o sr. Manuel dos Santos Ferreira.

Depois, as sr.^{as} D. Adelaide Augusta Soares de Oliveira Machado e D. Terêza Bravo Tôrres.

Em 10, as sr.^{as} D. Maria do Amparo de Vilhena Pereira da Cruz, D. Severina de Moraes Ferreira, D. Ana Augusta Regala Lebre e D. Idalina Moreira Regala.

Em 11, as sr.^{as} D. Zaira de Seabra Mendes da Costa, D. Maria Candida Castanheira da Fonseca e as srs. Livio de Campos Salgueiro e Manuel de Figueiredo Prat.

Em 12, os srs. Firmino de Almeida e Brito e dr. Augusto de Castro.

Gente nova:

Deu á luz uma formosa creança do sexo masculino a sr.^a D. Maria Leonor Pedrosa Neves, esposa do sr. dr. Manuel das Neves, nosso colega do *Debate* e illustre professor do liceu, a quem endereçamos as nossas felicitações.

Em Monção, deu á luz uma creança do sexo masculino, a sr.^a D. Júlia Camêlo Ferreira, esposa do nosso presado amigo sr. Manuel Firmino de Vilhena Ferreira, digno eserivão de direito daquela comarca.

As nossas sinceras felicitações.

Viageiros:

Esteve em Aveiro, honrando-nos com a sua visita, o grande republicano e nosso presado amigo, sr. dr. João Rezende da Silva, quintanist de medicina na Escola-médica do Porto.

Está entre nós o nosso presado amigo sr. Luis Novais, inteligente engenheiro da companhia dos Caminhos de Ferro.

Regressou a Lisboa, o sr. Jaime da Cunha Coelho.

Deve seguir brevemente para Branca (Oliveira de Azemeis), o professor-primário ali, sr. Severiano Ferreira Neves, irmão do distincto professor do nosso liceu, sr. dr. Francisco Ferreira Neves.

Enfermos:

Esteve doente, com um fortissimo ataque de reumatismo lombar agudo, a sr.^a D. Maria do Amparo de Vilhena

E' contra isso que já se começa a protestar, com uma absoluta razão, e esse protesto é mais para a dignificação da Republica do que para a liberdade da fé no espirito de todos os republicanos, que a essa fé ren-tem culto. Na minha consciencia ninguem manda, e a sua invulnerabilidade é tal que semelhante pretensão só pôde despertar um sorriso de piedade. Mas ha uma lenda lhante que esse país professa. Com um desassombro próprio da sua grande alma, o illustre presidente da Republica não tem perdido ensejo de desfazer a lenda dessa hostilidade, e não é esse um dos menores serviços que tem prestado á Patria e á Republica. Contudo, prosegue ainda a tentativa de manter a todo custo essa lenda, que corresponde a uma tirania mal disfarçada. O dever do jornalista republicano, digno deste nome, é proclamar a verdade, e se verdade é que politica e religião são coisas diversas, e que sempre que a religião não invade a politica e a politica não afronta a religião, ter-se-há chegado a uma verdadeira pacificação de espiritos, num Estado republicano como o nosso.

Quanto á questão do ensino religioso nas escolas particulares o *Campeão das Províncias* está em erro, se acaso presume que eu por ele quebrei lanças. Não é exacto. O que eu posso ter visto nesse projecto que o actual governo enunciou perante o Parlamento, é um sintoma da orientação que acima expuz e que é também, por certo, a do *Campeão das Províncias*, visto dizermos que á Igreja é necessario dar-se mais, muito mais liberdade, do que a liberdade que actualmente possui. Era possivel que eu defendesse esse projecto que ao sr. dr. Leonardo Coimbra já mereceu a excomunhão da parte extremista e intolerante do seu partido; mas houve um argumento que suspendeu a minha, o unico que tem um valor que se não pôde desconhecer. Esse argumento é o da inconstitucionalidade do projecto. Do que tenho lido ainda não conclui que essa inconstitucionalidade não exista. Por isso e só por isso entendo que o projecto é inviavel enquanto se não modificar a disposição constitucional que o contraria, e que deve ser realmente modificada na primeira revisão do estatuto fundamental da Republica. Mas, com essa disposição de pé, reputo inviavel o projecto que é na sua essencia justo e em nada prejudica a Republica. Creio que não posso ser mais leal nem mais categorico.

Uma coisa há a fazer por enquanto: proclamar que o sectarismo, a intolerancia, o rancor por aqueles que não pensam como nós, em tudo e por tudo, o debate das ideias substituído pela grossaria e pelo insulto, são nódoas na vida da Republica. Correspondem a vícios que no fundo são de uma origem truculenta própria dos regimes despoticos e não dos regimes de liberdade. Quando a Republica não tiver essas máculas, das quais, de resto, os seus verdadeiros principios não teem a responsabilidade, a harmonia social espalhará, em torno da sua bandeira, os beneficios da paz e as garantias do progresso. Creio que respondi ao *Campeão das Províncias* com algumas daquelas palavras firmes que tem tido a benevolencia de apreciar nos meus escritos.

Mayer Garção

Não quisemos, nós, que dirigindo embora o *decano dos jornais portugueses* somos novos, não tivemos a veleidade de querer discutir com o velho lutador que é Mayer Garção. Mas aquele seu artigo, que lemos com a curiosidade e a avidéz com que lemos todos os seus escritos, dádo o embate de opiniões continuo a que o sr. dr. Leonardo Coimbra deu aso defendendo a liberdade de ensino religioso nos colégios particulares, pareceu-nos insufficiente perante a lei—e daí a desprezenciosa demonstração que fizemos, da inconstitucionalidade do projecto, com o que o sr. Mayer Garção absolutamente concorda, o que antecipadamente esperavamos.

Mas nós não dissemos que não há quem discuta a fé. Nós dissemos simplesmente: que «a creença não se discute porque não pôde, porque não deve discutir-se». E continuámos a dizê-lo. A creença é um sentimento e faz parte do *abstractum* do individuo, assim como a cor é também um sentimento (com vénia aos senhores filósofos) dos nossos olhos.

Não deve discutir-se, dissemos. Hoje, vamos mais além ainda: não há quem a discuta—porque, como o sr. Mayer Garção num outro artigo disse, aqueles poucos que querem expulsar a religiosidade dos espiritos republicanos, fazem-o, não com argumentos, lícitos a toda a prspaganda ou doutrinação, mas com insultos ou grosserias que só podem prejudicar principios que pretendem alicerçar-se na mais sólida razão».

Estamos, portanto de acordo, e só nos resta uma vez mais prestar ao sr. Mayer Garção a homenagem da nossa grande e sincera admiração pela boa obra de republicanismo puro que S. Ex.^a vem realizando.

A IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALÍCIO

Três factos culminantes na vida diplomática portuguesa durante o curto praso da vida da Republica se podem já registar, todos de altissimo valor e consideração internacionais:

1.º. A entrada de Portugal na Guerra ao lado dos aliados, como meio de valorização da nos a aliança secular com a Inglaterra e como garantia do nosso patrimonio colonial, que não foi, como estava telhado ser, defraudado e antes se vê hoje aume tado com o regresso de Kionga á soberania portuguesa;

2.º. A viagem presidencial ao Brazil, que teve por fim o militar o bellissimo gesto que levou os nossos heróicos navegadores aérios, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a transporem a imensidade dos mares numa prova constante da confiança depositada nos seus cálculos, na coragem e resis-

Pereira da Cruz, que se sente já muito melhorada.

Com um eczema no pescoço, tem estado doente, na sua casa da Murtoza, o sr. Silvino Rezende da Silva, laureado terceiranista de Direito na Universidade de Coimbra.

O advogado Cherubim do Valle Guimarães mudou o seu escriptorio para a rua do Caes (no edificio onde está instalado o Banco Popular Português e a Empreza de Sal, Ld.)

O tempo. — No mês corrente será, segundo as previsões de C. Paubo:

1 a 8, bom tempo.
9 a 19, tempo chuvoso.
20 a 31, tempo variável.

A carne. — Deu-nos a creada a desvanecedora no ícia de que a carne... subiu mais quatro tostões em quilo. Quatro tostões apenas. E' uma insignificancia, dizem, quando pedimos quinhentos gramas—um tostão mais!

São as boas-festas dos nossos fornecedores.

Se todos assim nos cumprimentam, boa nos vai a vida.

Conferência

Conforme prévio convite expedido pelo Conselho Superior Judiciário, reuniram na 5.^a feira última no Tribunal Judicial desta cidade os Contadores de Juízo de Direito do districto, a fim de com o enviado pelo mesmo Conselho, sr. Ribas de Avelar, Contador da 6.^a Vara Cível de Lisboa, conferenciarem sobre a nova Tabela Judicial em geral, e especialmente sobre a organização do Mapa mensal a enviar áquele mesmo Conselho. Esse mapa, serviço creado pela nova Tabela, tem por fim fornecer ao Cons. Sup. os elementos bastantes para que se possa ali saber quais os proventos que cada funcionário judicial percebeu, quer para sobre eles se poder calcular uma lotação regular relativa a cada funcionário, quer para o que diga respeito á distribuição duma subvenção semestral a favorecer os funcionários das comarcas menos rendosas e que percebam uma quantia inferior ao limite mínimo estabelecido a cada funcionário conforme a classe das respectivas comarcas.

Trabalho bastante complicado e moroso pela falta de quem o sirva sem remuneração, visto o sr. Ribas de Avelar ter declarado que todo o dinheiro entrado nos cofres dos magistrados e officiais de justiça seria *sagrado* e só tenderia a uma distribuição justa e equitativa pelos funcionários judiciais, tendo também em vista o principio do estabelecimento das aposentações, convinha, para que ele fôsse facilitado em Lisboa, que houvesse uniformidade na organização dos Mapas; e esse o motivo que levou o Cons. a convidar o sr. Avelar a fazer uma visita a certas terras para onde seriam convocados os diversos contadores dessa região ou districto, e ali acordarem numa mesma

forma de organização, aproveitando, é claro, a ocasião para desfazer as dúvidas que por ventura a execução da Tabela tivessem já suscitado, colhendo elementos e atendendo as reclamações que sobre ela se lhe fizessem.

Assim se congregaram esses funcionários em volta do sr. Ribas de Avelar que solicito e numa boa disposição manifesta, que desde logo dispôs bem todos os presentes, se prontificou a desempenhar-se do seu mandato, tendo deixado em todos a impressão do seu saber e da sua boa vontade em concorrer para satisfazer as desejos justos expostos.

E' claro que desde logo o sr. Ribas de Avelar disse só se poder formar um conceito seguro da Tabela daqui a seis meses, quando essa Tabela começasse a ter completa aplicação a todo o processo, mostrando no entanto desde já vontade em advogar as alterações que não atingindo a base moral de Tabela, a independência da contagem dos Emolumentos para cada funcionário, não dependendo os proventos de uns do maior ou menor número de actos que o outro tivessem praticado ou se lhe tivessem contado, todavia tendessem a melhorar as condições económicas dos funcionários das comarcas fracas.

Por isso junto dele foi advocada a alteração ou a possível abolição, pelo menos para as Comarcas de 3.^a classe, da percentagem dos 20 % a abater ao emolumento liquido de cada funcionário, e que reverte a favor dos respectivos cofres, percentagem que sendo a mesma para todas as comarcas fere sobremodo os proventos das de menor rendimento, e também retirar da responsabilidade dos Contadores o que diz respeito a presos, bem como a justa alteração dos prazos para as contas, e que sendo ainda os estabelecidos pelo velho Código do Processo, quando essas contas eram de uma facilidade e ligeireza pasmosas, se não coadunam com a complicação das contas actuaes e com os vários serviços, sujeitos a prazos, a que estão agora obrigados os senhores Contadores.

Todos ficaram convencidos de que estas primeiras reclamações seriam atendidas, retirando-se o sr. Ribas de Avelar decerto bem impressionado com os seus colegas e com os senhores escrivães de Direito que estavam também presentes, levando também decerto deles uma impressão de competência e de boa camaradagem.

Ao sr. Ribas de Avelar foi depois oferecida uma taça de Champagne no *Cisne da Arcada*, servindo isso de pretexto para as saudações feitas ao sr. Ribas de Avelar, em nome dos Contadores e Escrivães de Direito presentes, pelo dr. Alberto Ruela que numa improvisada saudação pôs em relevo as qualidades moraes e a competencia profissional, a boa vontade de acertar emfim, do sr. Ribas de Avelar.

tência física dos navegadores, e numa afirmação da força moral da raça portuguesa e da imorredoura alma da Pátria;

3.^o. A imposição do barrete cardinalício a S. E. Aquiles Locatelli, prerogativa concedida pela Igreja Católica a desde tempos remotos apenas, além de o têr sido a Portugal, a três das grande potências: à França, à Áustria e à Espanha.

Nada nesse acto, da praxe diplomática da Igreja, affectou o decoro constitucional ou as pessoais convicções sobre matéria espiritual das altas personalidades que por dever dos seus transitórios cargos a êle se tinham de submeter como demonstração dum profundo respeito pela consideração internacional da nação portuguesa.

E assim tinha que cumprir-se, como se cumpriram, todas as ciremónias litúrgicas, que eram o complemento do acto da imposição em si.

Portugal, que deve têr sempre em vista os interesses não só materiais mas também morais do seu povo, cõta a dentro das suas fronteiras a prática de muitas religiões a que voluntariamente, e num respeito devido às leis, se submetem os seus naturais; e sendo assim, necessário éra acreditar junto de si os representantes da direcção dos respectivos grêmios, de forma a que os seus respectivos interesses pudessem sêr sabidos, fiscalizados e facilitados, num comum desejo de mútua concórdia e respeito.

A imposição do barrete cardinalício vêio reforçar e congregar, digamos assim, as tendências da mais franca aproximação dos dois Estados, o temporal e o espiritual, devendo têr sido para nós um motivo de satisfação a observação agora dessa antiga honra concedida a Portugal.

E, para finalizar: a qualqêr desses três grandes acontecimentos diplomáticos da República está ligado o nome do Dr. Barbosa de Magalhães, que por isso mesmo assistiu no Palácio da Ajuda ao almoço oferecido pelo Chefe do Estado

1.^o. Ao da entrada de Portugal na Grande-Guerra, pois que fazia parte do ministério presidido por Azevêdo Coutinho, que por tornar intensiva a nossa preparação militar foi derrubado pelo célebre movimento denominado *das espadas*;

2.^o. Ao da ida do Presidente do República ao Brasil, onde o acompanhou como organizador daquela importante missão, e como Ministro dos Negócios Estrangeiros;

3.^o. Ao elevado acontecimento último da imposição do Barrete cardinalício, pois que foi durante a sua gerência na pasta dos Negócios Estrangeiros que se continuou a tratar das bases da nova política de aproximação com o Vaticano, ultimando-se tudo quanto se prendia com o continuo uso por parte do Chefe do Estado da praxe observada na quarta-feira 3 de janeiro.

Aveiro deve, pois, ufanar-se dessas honras que nela se refletem, tanto mais que Barbosa de Magalhães apesar dos males com quetêm premiado o bem que tem feito a uma imensidade dos seus patricios, continua votando um desmedido amor à terra que foi a de seus Avós, seus Pais, seus parentes e que é a de muitos dos seus sempre fieis e liais amigos, que muito o continuam admirando e se regosijam com os seus continuos triunfos.

Agradeceu o sr. Ribas de Avelar a amabilidade dos seus colegas, que muito o deixou penhorado, fazendo uma larga dissertação sobre o seu plano da nova Tabela, e declarando ali que o seu projecto fôra alterado, resultando dessa alteração a serie de disposições, algumas contraditorias, que viéram na primeira publicação da Tabela no *Diario do Governo*, uma diminuição nos limites mínimos dos proventos por ele marcados aos funcionários judiciaes, e também uma diminuição em alguns dos emolumentos fixados para certos actos dos Senhores Escrivães e da Conta, resultando disso ficarem descontentes e desconfiados os funcionários judiciaes de provincia.

Expôs com toda a clareza a base da tabela, que foi estabelecida sobre os principios de isenção que toda a sua vida tem advogado e são norma do seu viver, terminando por saudar os seus colegas e oferecer os seus serviços em tudo que tenda á defesa de classe.

Falou por último o sr. Contador de Oliveira de Azemeis.

E' um funcionário distintissimo e sabedor que prendeu por uns momentos a atenção dos presentes, discreteando largamente sobre Tabela, com aquella proficiencia e saber que lhes dão a sua longa pratica e estudo sobre processos.

O sr. Ribas de Avelar seguiu depois no Rapido para o sul,

sendo acompanhado à estação por vários dos seus colegas que a Aveiro viéram ouvi-lo.

Natal

Estatuetas, Vasos de fantasia, Caixilhos em bronze, Perfumarias estrangeiras, Malinhas para senhora e homem, em cabedal da Rússia, artigos de Novidade, e Charutos estrangeiros.

Souto Ratola—AVEIRO

Diversas

Os jornais aqui e ali continuam bordando algumas considerações e noticias acerca da *carrapata* que o senhor Leonardo Coimbra nos ia arranjando com a chamada questão do ensino religioso nas escolas particulares.

Agora porém, mais apagamamente, o que sintomatiza a entrada do espirito publico sob esse ponto de vista em *franca convalescença*. Regosijamo-nos com isso.

Pela maneira como foi atacada e solucionada a *crise* por que se passou, se viu que todos mais ou menos cumpriram o seu dever—

O espirito republicano arvorando o seu estandarte de legalidade Constitucional, impondo-a sobremaneira às atenções do País e do Governo;

O senhor Leonardo Coimbra, coerente com o seu *especial* modo de ver e com o seu compromisso, demittindo-se de ministro da instrução publica.

Sim senhor, assim mesmo é que devia finalizar a questão, que afinal terminou com honra para ambas as partes.

E agora compéte a cada um *zelar* pelo cumprimento da lei que mais uma vez saiu do novo combate com as mais inludíveis provas do prestigio e acatamento que tem e todos, **governados e governantes**, lhe devem.

Por isso é de crêr que as autoridades e os funcionários, todos aqueles que têm por triplo dever olhar as leis, executá-las e fazê-las executar, não movam o espirito público que esta questão têve o grande beneficio de acordar (*bem se diz que há males que vêm por bem*) a de novo se levantar para exigir que no ensino particular se observe o cumprimento

das leis sob aquele ponto de vista, e para exigir também a demissão imediata das autoridades e o castigo de aquelles que demonstrarem pelos seus actos menos resolução em o impôr.

De vez em quando lá aparece um *realejo* a remoer a *ária* da perdição de Portugal.

Mas que mania!

Então um País como o nosso, com tão grandes recursos, com um imperio colonial tão vasto (sim porque só numa das nossas inúmeras colonias em Angola, cabe duas ou três vezes a França) tão rico, pôde lá socumbir às dificuldades em que, como todos os Países da Europa e alguns da Asia, presentemente se vê!

Pois Portugal, que possui a terceira parte da produção universal de cacáu e da cortiça; que prodús abundantemente todas as especies oleaginosas, não falando nos seus afamados vinhos; possuidor de uma extensão de terreno continental insular e ultramarino onde cabe varias vezes a peninsula Iberica, é lá crível que tenha dado a alguém a impressão de que estava agonizante?

E pelo que diz respeito á sua produção em café e em borracha!...

Positivamente quem assim fala é de uma tola ignorancia.

O corpo docente do Liceu Central Vasco da Gama, desta cidade, iniciou, em bôa-hora, a serie de conferencias que tinha planeado como meio de uma mais larga expansão científica, e literaria.

Já ali fez ouvir a vóz dos seus conhecimentos e de sua erudição o sr. dr. Fidelino de Figueiredo que prendeu durante uma hora e meia, com a magia do seu fluente verbo e com a delicadeza da sua exposição, a numerosa e cuidada assistencia que ao Liceu fôra para o ouvir.

Achamos muito louvavel a iniciativa do professorado do nosso Liceu, tanto mais que dela necessariamente colhem belos resultados não apenas os alunos que frequentam as suas aulas, mas todos os que compreendem a necessidade de sentir dilatados os limitados espaços da sua illustração e do seu saber.

E' pena, porém, que os liceus não possuam do governo um subsidio anual para as despesas a fazer com aquella especie de serviços que nós e toda a gente deve reconhecer serem de utilidade pública, e que assim não possam aqui vir os primeiros cerebros do País no mundo das ciencias e da literatura Gonçalves Teixeira, Teofilo Braga, Leonardo Coimbra, Ferreira da Silva, Luís Woodanese, Ricardo Jorge, Afonso Costa, Candido de Figueiredo, Mendes Correia, e tantas outras talentosas cerebrações nacionaes.

No entanto, a bôa vontade do illustre reitor do nosso Liceu e a dos seus colegas é grande, e elas com o producto de festas liceaes que, diga-se de passagem, muito calaram no entusiasmo e animo públicos, decerto conseguirão os meios de suprir... a deficiencia de meios.

Pela nossa parte as nossas mais calorosas simpatias pelos propositos de tão valorosa colectividade.

Tenham paciencia e desculpem. Por mais esforços que façamos não conseguimos que os artigos saiam isentos de erros que por vezes alteram estruturalmente o sentido do que escrevemos.

Pois se no nosso ultimo numero e nesta secção saiu, a respeito dos golpes de estado, *p'ningirem*, em vez de *infringir!* Seja tudo *passou em abono dos nossos pecados*.

A Direcção do Teatro-Aveirense

Elucidando e demarcando

Esta questão, que por tão *pequenina* coisa começou, tem-se continuado, creiam-o os senhores directores do teatro, com grande, com imensa mágua nossa. Mas se os senhores não nos têm deixado com cartas, ditinhos, comentários (!) Não havíamos de responder-lhes, de lhes demonstrar, de forma a que até os senhores o compreendessem, derubando as suas pretenciosas pretensões, apontando-os linha por linha, palavra por palavra, os erros que foram nascendo daquelle erro original?

Os senhores provocaram-nos foram os senhores, pois, só os senhores, quem começou. Se nos provocassem com uma simplez *espanholada*, éra muito possível que nos calássemos, que não os

castigássemos. Mas até nisso os senhores andaram com uma grande infelicidade, porque nos provocaram com uma incorrecção, com uma indelicadeza—a única coisa talvez, que nos poderia levar a sacudi-los.

Dissemos no último numero do «Campeão» que iríamos mostrar o que os senhores têm feito, forçando-os a abreviar a sua saída do lugar que ocupam, e dissemos assim porque, relendo a carta que *um leitor e accionista* nos enviou, e não encontrando nela senão verdades e correcção, resolvemos publicá-la. Não o fazemos ainda, todavia, porque alguém nos veio dizer que alguns dos nossos leitores têm certas dúvidas, que vamos eliminar, o que nos ocupará o espaço de que hoje podemos dispôr.

Fica a carta para o próximo numero. O nosso atencioso informador decerto nos desculpará o atraso na publicação, continuando, até, a dizer-nos mais coisas... se aquellas que a carta contém não bastarem para, na situação em que imponderada, imprevidentemente se collocaram, os impelirem ao único caminho que já agora podem seguir, e que, se não é airoso, é pelo menos relevante—declinar o cargo.

Elucidando, pois, e demarcando, devemos dizer em primeiro lugar que o autor destes escritos é o director-editor do «Campeão». Declaramo-lo para que todos saibam quem assume inteira, absolutamente a responsabilidade pelo bom ou mau uso que neles se faça da gramática. Têm saído, sim—e continuarão, naturalmente—, com erros de caixa, que escapam á revisão (como, por ex., no último, a frase: *erratum humanum est*, e nesta outra: «V. Ex.^a é não leu», onde evidentemente falta um *que*), mas com erros de gramática... deixem-nos têr a vaidade de afirmar que difficilmente se encontrará um só que seja. Se os cometemos, no entanto, que alguém no-los note, mesmo anónimamente, que muito prazer teremos em discutir o caso e em nos confessarmos vencidos, se vencidos formos. Somos novos, e mesmo que velhos fôssemos não nos arrogariamos *infallibilidade*. Desde que sejam bons, todos os conselhos ouviremos e atenderemos.

Que saibamos, porém, até hoje só num erro caímos—em notar os erros de syntaxe da carta que nos dirigiu a direcção. E creiam os senhores, lialmente

o declarámos, que já nos arrependemos.

Porque levantámos a questão? Nós não a levantámos—respondemos apenas. Não nos cega o vermo-nos sem entrada-franca. *Podíamos exigí-la, se quiséssemos*—porque a direcção repetimos, não pôde retirar á imprensa os *bilhetes de redacção*. Mas nós não vamos ao cinema. Falámos, e falámos, porque não consentimos, porque não consentiremos nunca, nós que pômos o melhor do nosso esforço em respeitar e encher de atenções toda a gente, que sejam menos polidos com-nosco.

Para se sêr director do teatro, não é preciso fazer previamente um exame, um concurso em que a gramática ocupe o principal lugar. Mas o que nele podemos requerer é um minimo de ponderação que os force insensível, automaticamente a respeitarem até quem não mereça o respeito de ninguém.

Respeitar toda a gente, sêr correcto, delicado, atencioso para todos!... Como isto sôa bem, como isto nos entra na alma, comovendo-a, blandiciando-a!

E olhem os factos:

Constituiu se há pouco tempo, em Aveiro, um novo clube—o Sport-Clube Beira-Mar—, que é formado, na sua totalidade, por rapazes, rapazes novos, que procuram entreter os seus ócios desenvolvendo-se fisicamente. O novo clube foi inaugurado no passado domingo. Na véspera, vieram trazer-nos um officio-convite para a festa, que terminava assim:

tenho o prazer de convidar o jornal de que V. Ex.^a é muito Digno Director a fazer-se representar nesta festa. Certos de que seremos honrados com a presença do representante do *decano dos jornais portugueses*...

Que bela lição, que lição magistral êsses rapazes, rapazes novos, souberam dar-lhes, senhores directores do teatro-aveirense! E a gente sente-se atraído para êsses rapazes, que assim se impõem, tão novos, á nossa simpatia.

Os directores do teatro seguem caminho oposto. Resultado? Afastam as simpatias.

Prosigamos.

Deturpando absolutamente a verdade, os senhores dizem a quem quer ouvi-los o que muito bem entendem, e o certo é que muita gente não conhece

ainda a essência da questão, o seu âmago, e difficil seria já divisá-lo através as varias e variadas nuances (vá lá o galicismo) que os senhores, na ânsia que os possuiu de *emendar a mão*, lhe têm dado.

A verdade, porém, é só uma, uma só. E só agora o explanámos porque de diversas bocas ouvimos frases, afirmações, algumas por nós já previstas, e que os senhores espalham para se justificarem, sem contudo repararem em que mais, cada vez mais a si próprios se incriminam. E essas pessoas que no-las disseram estão dispostas, se os senhores as pretenderem negar, a dizer de quem as ouviram.

Os senhores, lamentavelmente desconhecendo que o não podiam fazer, resolveram retirar os bilhetes a **todas as redacções**. Porquê? Espírito de economia? Não, porque não é esse o espírito que os tem guiado, porque não foi esse o espírito que os animou quando se fez a instalação eléctrica no teatro—que, tratando-se duma sociedade anónima, devia ter sido feita, mediante concurso, por quem, alheio á direcção, melhores garantias oferecesse. Porque foi então? Porque alguns membros da imprensa local os hostilizaram, criticando-lhes os seus actos na gerência—por o que parece entenderem que a liberdade de crítica fica coarctada com o bilhete.

Negada que nos foi a entrada por um porteiro, e querendo nós garantir os nossos direitos, procurámos os directores do teatro, que se negaram a falar com quem perante eles queria fazer uma reclamação. Devolvemos o bilhete á direcção, com a carta que já transcrevemos. A seguir saíu o primeiro artigo no *Campeão*. Reconsiderando então, e medindo o alcance da imprudente e triste ideia, os senhores vieram dizer-nos que não os queriam retirar, que apenas quiseram que os bilhetes fôsem reválidos e que indicássemos um substituto (uma espécie de suplente)—no que alargaram a tal *intransmissibilidade*. Ora isso, se o podessem fazer, senhores bem vêem, fazia-se, antes de começar a época, e avisando-nos com antecedência, ou fazia-se na própria ocasião, abandonando por momentos os lugares que cómodamente occupam para atenderem quem os procura, e não por intermédio dos porteiros. Não vingia, pois, «a emenda que quiseram fazer ao soneto».

Qual, pois, o facto? A triste ideia de retirarem os bilhetes a **todas as redacções**. Depois... depois é ver como os senhores andam.

Francamente, podiam ter sido mais engenhosos.

—Dias em que é obrigatória a estampilha da *Assistencia*: 1 e 2 de janeiro; 21 de agosto; 4 e 5 de outubro; 24, 25, 26 e 30 de dezembro.

SEMENTEIRA

Notícias militares UM BEIJO DA LUA

Pelo pátido horizonte
A lua branca se erguia
E o seu disco ia subindo,
Espargia brando o luar
Enquanto o sol se escondia
Nas águas do longo mar.
E as estrelas bem de fronte,
Vinham todas elas rindo:

Pelo tecto penetrando
Um raio entrou silencioso
Vem, vem, disse eu assombrado.
Beijou-me a face, e eu não sei,
Mas quando se foi moroso
Sobresaltado acordei,
Sentindo-o de quem 'stou amando
Tentei com ela ser trocado.

Nessa doce quietação
Da noute bela do luar
A aura soprava ligeira,
Fado estava adormecido.
Eu de amôr a conversar
E ele a responder-me ufano,
Com os beijos de afeição
Como a uma alma sincera.

Marcos António Colaço.

Nova secção

Hoje, que tão desenvolvida e florescente se encontra a imprensa diária, os jornais de província, curando cuidadosamente dos interesses vitais da nação, devem também, e quasi principalmente, procurar descobrir e vulgarisar os diversos valores, espirituais e materiais, da sua região, enriquecendo assim a história de todas as pequenas parcelas do nosso grande Portugal, fornecendo elementos novos aos estudiosos para estudos e investigações futuras.

Foi pensando assim que quisemos abrir uma nova secção no *Campeão*, que ocupará toda a 4.^a página, recheada de gravuras alusivas, e que terá por *lit-motif* as «pessoas, factos e coisas de Aveiro e seu districto», e que começará no próximo número, sobe a direcção do velho amigo do *Campeão*, o brilhante continuador da *História* de Pinheiro Chagas, aquele a quem Aveiro deve a história dos seus inícios, o creador do Museu, aquele perante cuja ciência até Camilo se curvou, o sr. João Augusto Marques Gomes.

Terras de Portugal

Lisboa, 3.—Um importante acto diplomatico.—E' est: o titulo do artigo de fundo, que vem hoje no «jornal de maior circulação em Portugal», o tradicional jornal republicano «O Seculo». Pois este importante acto diplomatico refere-se á imposição do barrete cardinalicio a Sua Eminencia o Car-

deal Aquiles Locatelli, cuja cerimonia será realizada no palacio da Ajuda, sendo a imposição do barrete feito pelo venerando Chefe da Nação Portuguesa.

Que dirão a isto os liberais de al-eibeira?...
Que dirão eles do artigo do «Seculo», não somente um dos jornais republicanos mais antigos, mas que nunca deixou de o ser desde o seu primeiro numero?...

Como encararão esses liberais, que querem obrigar os outros cidadãos a pensar como eles, esse grande acto diplomatico, mas fundamentalmente religioso?...

E que mal virá dar ás batatinhas, que estão cada vez mais caras, mesmo na mais recondita das aldeias, onde os meios de transporte e de contribuições se tornam quasi nulos?...

Que dirão esses liberais (só para eles), que perdem o melhor do tempo que era necessario para as questões de carater economico e de instrução e educação,—a deitar por terra mais um dos muitos ministros da instrução que a Republica tem levado ás cadeiras do poder, baseando o seu ataque de expulsão no simplissimo facto desse ministro entender, e muito bem, que nos collegios particulares se poderá estabelecer o ensino religioso?...

Devem estar pasmados com o grande acontecimento do dia de hoje.

Mas não. Eles pouco se importam com factos grandiosos... Gostam mais dos casos pequenos... E consentir que nas escolas particulares se ensine doutrina aos pequenitos de forma alguma. Isso é que não.

Deixa-os ser liberais desde pequenitos para não terem o trabalho de o serem depois de saberem a doutrina «catolica-apostolica-romana», que muito lhes dificultará o conhecimento do ateísmo.

Bem sabem eles, esses ateus da era nova, que todos passaram pelas escolas quando nelas era obrigatorio o ensino religioso, a grande dificuldade que encontraram para se fazerem ateus depois de lhes terem ministrado na escola e na familia a religião do estado!...

E' certo. Mas nesse tempo havia os grandes liberais de consciencia e não os da moda...

Como um simples ex., recordaremos agora esse grande vulto da sciencia, que se chamou Dr. José Falcão, que acompanhava a esposa, como nós vimos mais de uma vez, até á escadaria da Sé Nova, onde ela ia assistir aos atos religiosos, indo depois esperá-la junto da mesma escada.

Quem será capaz de negar que não fosse ele naquele tempo um dos mais accentuados «livres-pensadores»?...

E o ensino obrigatorio da religião do estado não pode modificar-lhe o seu espirito libeal.

Citamos Grainha, e o Grande Pensador Magalhães Lima, que teve por mãe e o amamentou com o seu proprio lei uma Santa Creatura que foi uma das senhoras mais religiosas dessa cidade, achamos desnecessario.

O espirito dos que foram destinados para «livres-pensadores» não se modifica com o ensino de qualquer doutrina.

Deixem os, pois, aos fanaticos a plena liberdade do ensino religioso, desde que nas escolas officiais elle não seja permitido.

E aproveitemos o tempo que se perde nessas tricas, olhando a serio pela questão economica, instrução e educação civica, triade indispensavel para o bom equilibrio da vida actual. —(C)

Cesar Fontes

Medico
CLINICA GERAL
SIFILIS, VIAS URINARIAS
OPERAÇÕES

Consultas na Avenida da Estação n.º 8 da 1.ª ás 4.ª. Chamadas em casa, Travessa do Alfena, n.º 8.

AVEIRO DESPORTIVA

O Clube Mário Duarte festejou tambem ruidosamente a entrada do novo ano com as costumadas girandolas de foguetes e com uma opipara ceia, na qual se reuniram 35 sócios e que correu devéras animada. Ao *dessert* o sr. Mario Duarte foi o primeiro a levantar a sua taça nestes termos:

Meus senhores,
Como patrão desta casa e occupando, devido á vossa gentileza, o lugar de destaque nesta mesa, cabe-me a obrigação de fazer o primeiro brinde. Mas antes eu quero pedir-vos que, rapido como um relampago, todos vós tenhaes um pensamento cheio de saudades para aqueles nossos consocios que já marcharam para a eterna viagem da verdade.

E aberto este parentesis, sem comtudo querer com ele empanar a alegria desta festa, eu brindo pelas prosperidades desta associação e pela felicidade de todos os sócios presente e ausentes, fazendo votos para que o novo ano de 1923 seja para todos muito propicio.

Novo Clube

Para celebrar a inauguração de um seu Clube, o grupo dos Onze, do foot-ball, Barra-Mar, organizou uma reunião dançante para a qual recebemos um penhorante convite que nos apraz registar e agradecer.

Iniciativas destas, que tendem a crear no espirito da gente moça a tendência de associação e a sociabilidade, merecem todos os elogios pelas altas qualidades que revelam.

E que a beira-mar, tão populosa e hoje tão desbravada pelo continuo vai-vem da sua rapaziada, daqui para a America e de lá para cá, trazendo á patria e ao seu meio o resultado do influxo e de todo o contacto das novas ideias e tendências daquelle generoso e grande país, conta em si uma mocidade vivaz e polida que encanta e se manifesta em aspirações generosas e cativantes cortezias.

Hoje, na nossa beira-mar, sempre tão caracteristica pelo donaire das suas gentis tricaninhas, todas ou quasi todas belos tipos fenicios, de graça, de maleabilidade e argúcia, e nos seus belos exemplares de homens musculosos e fortes, impregnados de um revestimento de civilização e de polidez, cativa, prende, suggestiona, aos que a auscultam e frequentam, aos que compartilham na alegria que dela rescende em festas e cantares.

São a despreocupação do santificado labor do dia o que caracteriza todas as claridades daquelle bairro; por isso se nos comunicam e ela se nos torna simpática.

Pois ás 10 1/2 daquella noite de domingo 31 de Dezembro, iniciou-se a festa com uma pequena sessão solene, em que falaram entre outros, o presidentes do novo Clube, expondo os fin

daquela nova agremiação, os representantes dos grupos de Football do Clube dos Galitos e Estrela, o presidente do Clube dos Galitos, o sr. Raul Cunha, o presidente daquela sessão Mário Duarte (filho) que teve frases de insitamento pelo sport e se confessou orgulhoso em ter servido de padrinho àquele grupo Beira-Mar, e por fim o representante do Debate, que agradecendo a cortezia se referiu numa breve mas empolgante alocução, ao valor, fins e força da imprensa, ouvidos todos com muito interesse e com muito agrado.

Seguiu-se depois o baile que durou até perto das 4 horas, sempre acalentado pelo entusiasmo e pela graça das meninas da nossa beira-mar, todas elas bela e agradavelmente vestidas.

Pela meia-noite subiu o entusiasmo ao auge, quando os morteiros anunciaram o início do novo ano que nós desejamos lhes seja da máxima ventura, e quando a orquestra tocou o hino nacional.

Então os vivas e hurras foram ininterruptos, durante um longo espaço de tempo, até que de novo continuou o baile, sempre debaixo da mesma alegria comunicativa.

Assim ficou memorável aquela inauguração do novo Clube, ao qual o *Campeão*, reiterando os seus agradecimentos, deseja o futuro mais próspero e mais longo.

Montepio oficial de Moçambique

Associação de Socorros Mutuos

Pensões

Perante a Direcção habilitam-se:

Maria Amelia e João Alberto, residentes em Aveiro, como unicos herdeiros á pensão anual de duzentos e cinquenta escudos (250000), deixada por seu pai João Augusto Regala, socio que foi com o n.º 494.

Correm editos de 90 dias, a contar de hoje, convocando quaisquer outros filhos legitimados, legitimados ou perfilhados do falecido, para que reclamem a parte que na mesma pensão lhes possa pertencer.

Findo o praso sem reclamação será resolvida esta pretensão.

Secretaria do Montepio Oficial de Moçambique, em Lourenço Marques, 27 de Novembro de 1922.

O Gerente,

Paulo H. B. Eanes

CENTRO FINANCEIRO, LIMITADA

127—Praça da Liberdade, 128—PORTO

Telegramas: Finannclal

Telefone: 791

Caixa do correlo: 60

Operações bancarias de toda a especie

Compra e sáca letras de cambio sobre as principaes praças bancarias, e emite ordens telegraficas—Descontos de letras bancarias e commerciaes; cobranças das mesmas sobre qualquer praça do paiz ou estrangeiro—Compra e venda de fundos públicos, Bancos ou Companhias, dicções, apolices etc.—Coupons de qualquer especie—Moedas de todos os paizes em oiro, prata, cobre e papel.—Dinheiro em conta corrente e a prazo fixo.

RAUL PEREIRA & C. LINDA
OUV. IVE S. JOA. BEIROS



**JOLAS, PRATAS,
FILIGRANAS-**
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 53
PORTO

CHAPEUS
LINDOS MODELOS e copias. Cascos, sédas e guarnições.

Para senhora e creança
AVEIRO
Rua Colibran.º 9
Alzira Pinheiro Cheves

Empreza de Navegação e Exploração de pesca

Assembleia Geral Extraordinária

De acordo com o artigo 16.º da escriptura desta Sociedade, convido os Ex.ºs Socios a comparecerem á reunião da Assembleia Geral Extraordinaria a realizar no nosso escriptorio pelas 4 horas da tarde do proximo dia 17 do corrente.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1923.

O GERENTE,

Egas Salgueiro

Antonio José da Fonsêca

Cereais e legumes

Estarreja—Pardelbas

Carpintaria e Marcenaria Mecanica

A Empreza Industrial de Pregaria e Moagem, Ltda., de Avei-lás de Caminha—ANADIA—, leya ao conhecimento do publico em geral que resolveu dar o maior desenvolvimento possivel a estas Secções, pelo que executa com a maxima perfeição todas as obras de carpintaria e marcenaria, dispondo para isso de pessoal habilitado e de maquinismos modernos. Quem pretender os seus serviços, confronte os preços, porque os nossos rivalisam com qualquer outra fabrica congénere.

Há sempre em deposito soa-lhos e fôrros aparelhados, que vendem a preços módicos.

Ferfeição, Economia e Prontidão

PEÇAM TABELAS

Prego de arame

A EMPREZA Industrial de Pregaria e Moagem, Ltda., Avei-lás de Caminha—ANADIA— comunica ao comercio em geral que tem sempre em deposito para entrega imediata, prego para todas as construções ao preço e condições das Fabricas de Lisboa e Porto. As nossas vendas ntendem-se sobre vagon em Mogofores, pelo que o Comercio desta Região muito economisa nos transportes, hoje bastante elevados.

PEDIR TABELAS

Veneziana-central

Tabacaria, papelaria, perfumaria, quin-quilhaerias e artigos de novidade. Deposito das aguas de Vidago, Pedras Salgadas e Entre-os-Rios. Depositarios das aguas da Curja e dos refrigerantes Sameiro

Mendes da Costa & C.ª

Arcos e Entre-Portes
AVEIRO

Testa & Amadores

ARMAZENS DE MERCEARIA POR GROSSO
* FERRAGENS, CEREAIS E AZEITES *

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Depositários do OPORTO OIL COMPANY — Telegramas: TESTA
Rua Eça de Queiroz — AVEIRO

Banco Nacional Ultramarino

Emissor para as colónias portuguesas

Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa

CAPITAL AUTORIZADO, 48 MILHÕES; REALIZADO, 24 MILHÕES; FUNDO DE RESERVA, 24 MILHÕES

Filial em Aveiro—Rua João Mendonça—EDIFÍCIO PRÓPRIO

Aluguer de cofres fortes

N.º 1, 5\$00 semestrais ou 8\$00 anuais
N.º 2, 8\$00 " ou 18\$00 "
N.º 3, 12\$00 " ou 16\$00 "

Estes cofres garantem a maior segurança contra roubo e incêndio. Cada locatário recebe a UNICA chave especialmente fabricada para o seu compartimento, podendo à sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

O acesso aos cofres tem lugar todos os dias uteis, das 10 1/2 às 15 1/2 horas

Eduardo Trindade

Venda de bicicletas e acessórios. Oficina de reparações

Representante das motocicletas F. N., CLYNO e EXCELSIOR

RUA JOÃO MENDONÇA, 1, 1-A e 1-B
Aveiro

Mercearia

ABEL SIMÕES CRAVO

Papelaria, perfumarias, chás, cafés e chocolates, massas, bolachas e vinhos finos. Arroz nacional por grosso e a retalho. Miudezas e outros artigos. Preços sem competência. Peçam amostras e preços.

1, Rua Manuel Firmino, 3—Rua José Estevam, 3C-A—AVEIRO

Estabelecimento de ferragens, vidraças e tintas
MERCEARIA

Grande deposito de cimentos nacionais e estrangeiros, Adubos, sulfato e enxofre. Agente da Companhia de seguros "PROBIDADE."

Domingos Leite & C.ª, L.ª
Rua José Estevam, 5, 5-A e 5-B
AVEIRO

Livraria VIEIRA DA CUNHA

—Rua Direita n.º 70 AVEIRO—

Grande sortimento de papelaria—Artigos de escritório—Sacos para livros—Louzas—Artigos para desenho e pintura—Perfumarias—Sabonetes—Quinquilherias—Postais ilustrados, etc.

Alfaiataria e fazercas

João de Deus Marques & C.ª, L.ª
Gravataria Camisaria e Perfumaria
Rua João Mendonça—AVEIRO

RICARDO PEREIRA CAMPOS
Praça do Comercio—AVEIRO
Generos alimenticios de primeira qualidade. Variado sortido em mercearia, confeitaria, conservaria, papelaria e tabacos. Vinhos engarrafados, portugueses e estrangeiros. Cognacs, licores, cervejas, etc. Frutas em caixas e a granel. Novidades para brindes e muitos outros artigos. Preços modicos Seriedade nas transações

Tomaz Vicente Ferreira
Fatos para passeio e cerimonia. Gabões e capas de agasalho
Alfaiataria
RUA DIREITA—AVEIRO

Empresa de Louças e Azulejos, L.ª da AVEIRO-PORTUGAL

Fundada em 1919
Premiada em primeiro lugar na exposição realizada na Tapada d'Ajuda pela Associação-central-de-agricultura, e com medalha de ouro de 1.ª classe na exposição organizada em Vizeu durante o Congresso-beirão, únicas a que tem concorrido.
Bancos decorativos—Louça artistica

SAPATARIA TEIXEIRA

Aveiro—Rua Direita—10
FAZ E CONCERTA calçado para homem, senhora e creança pelos ultimos modelos e minimos preços. Garante a excelente qualidade dos cabedais e mais material que emprega

Manuel Maria Moreira
Fazendas brancas e de lã, retrozeria e modas.
BORBODOS E MIUDEZAS, BANOS CRUS, BASTANHAS FINAS, ENXOVAS BABA BASTANHAS
Rua Coimbra, 11—(Antiga Rua da Escola)
AVEIRO

Tabacaria, Chapelaria e Mercearia DE-
Agusto Carvalho dos Reis
Praça do Comercio AVEIRO Rua dos Mercadores
Cervejas, cognacs, licores, vinhos finos e de meza—Tabacos nacionais e estrangeiros—Perfumarias, papelaria, quinquilherias, lotarias e objetos de escritório—Chapelaria, gravataria suspensorios—Especialidade em chá café e outros artigos de mercearia.

Fabrica de Louça e Azulejos DA PONTE NOVA — Fundada em 1882 — AVEIRO

—DE— Manuel Pedro da Conceição
Premiada em varias exposições
Vasos, balaustres, louça de uso comum e de fantasia, azulejos em paneaux em todos os estilos, e de revestimento de paredes.

COLEGIO PORTUGUEZ—AVEIRO

Neste Colégio, situado num dos pontos mais centrais da cidade, obedecendo a todos os preceitos da higiene escolar e pedagogica, com esplendidas instalações elétricas, professam-se os cursos: de instrução primária, todas as disciplinas do curso geral e complementar dos liceus (letras e sciencias), com inglês ou alemão; cursos singulares para todas as disciplinas, incluindo a lingua alemã; arte aplicada, bordados, rendas, pintura, desenho, flores e piano. Corpo docente devidamente diplomado e habilitado.

Recebe alunas para frequentar o Liceu e Escola-primária-superior.

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão

José Antunes de Azevedo, Sucessores
Praça do Comercio—AVEIRO
Deposito de diferentes fabricas. Vendidas por atacado e a retalho. Seguros contra fogo e de vida.

Salgueiro & Filhos, L.ª

Deposito de tabacos nacionais e estrangeiros
Delegados da Companhia seguradora "Sagres,"
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES
Praça—Praça Luis Cipriano

Companhia de Seguros "Probidade,"

SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS
Agentes
Domingos Leite & C.ª, L.ª
AVEIRO

Grandes Armazens do Chiado—AVEIRO

Tudo melhor e mais barato. Completo sortido de todos os artigos proprios para a presente estação.
Unica casa de preço fixo em AVEIRO

8 João da Cruz Bento & Irmão

Negociantes de pescado e sal

Praça do Peixe AVEIRO

Serralheria a vapor de Manuel Ferreira EXECUÇÃO perfeita e com modicidade de preços...

CHAPELARIA IDEAL DE Eduardo Coelho da Silva Rua Direita, 12-A e 12-B - AVEIRO

Ourivesaria VILAR Sortido completo em ouro e prata. Jóias com brilhantes e pedras finas.

Tabacaria Moderna DE José Augusto Couceiro Tabacos nacionais e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, etc.

Officinas de Serralheiro e Segeiro Carlos Migueis Picado Executa com a máxima perfeição, prontidão e segurança...

Sal e pescado - Furnos em larga escala, para o país e estrangeiro, ROQUE FERREIRA PATACÃO. Praça do Peixe - AVEIRO

A Mobiliadora José Augusto Ferreira & Filho Aveiro - Praça do Comércio Móveis em madeira e ferro - Colchoaria - Tapeçaria - Oleados - Carpetes - Cristais - Louças em porcelana e esmalte - Objetos de enfeite a toilette - Decorações.

Chicória Sociedade Produtora de Chicória, Ltd. - Rua Manuel Firmo, 33 - Aveiro. Chicória seca em grande quantidade e da melhor procedência...

Padaria BIJOU, de Macedo & Estevam São de todas as qualidades e tamanhos á hora indicada AVENIDA BENTO DE MOURA - AVEIRO

MOBILS Grandes armazens e oficinas de Jaime da Rosa Lima Completo sortido de mobílias em todos os estilos...

Salão COSTA DE Ana Teixeira da Costa Atelier de chapéus modelos, concertos e concertos, para senhora e criança. Grande sortido em plumas, sedas, veludos e outros enfeites.

Confeitaria Mourão, Sue.ª Sempre os mais finos doces de ovos, especialidades da terra. Fornece serviços de chá e sobremesa.

CARNES Frêscas e salgadas Vaca, vitela e cevado Salchicharia - Píngue - Tripa para enchidos Avenida Agostinho Pinheiro JOÃO LOPES Aveiro

R. M. P. Mala Real Inglesa PAQUETES CORREIOS A SAIR DE LEIXÕES

Armazem de Sola, Cabedais e Calçado em todas as medidas, formas e qualidades FABRICO MANUAL - DA - Sapataria Migueis O que de melhor, mais moderno e mais em conta se encontra. Rua Coimbra - AVEIRO

HOTEL AVEIRENE AVEIRO Ruas do Gravito e do Seixal Instalações em ampla casa apropriada Aceio, higiene e conforto.

"Luzostela," Fabrica de lixa e outros produtos: Lixas de todas as qualidades em vidro e esmeril, tanto em pano como em papel. Pó de esmeril especial para limpar colheres ferreira & Irmão - AVEIRO

Desna em 3 de Janeiro, para o Rio de Janeiro, Santos, e Buenos-Ayres. Demerara em 17 de Janeiro, para o Rio de Janeiro, Santos, e Buenos-Ayres.

Agencia funeraria Braga Coimbra Urnas, corôas e flôres artificiais Rua do Arnada, 139

Ricardo da Cruz Bento COM Estabelecimento de mercearia, azeite e vinhos finos. - Licores, xaropes e aguardente. - Papelaria, objetos de escritório e diversas miudezas.

HERBEIRA & GUIMARÃES Armazem de cabos, lonas e aprestos de navios Rua do Gravitto, 13 - AVEIRO Telegr. MARIATO

AVON em 22 de Janeiro, para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Estes paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os Paquetes Arlanza em 9 de Janeiro, para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres.

Mercearia Aveirense DE Francisco Portirio da Silva Café, Papelaria e Miudezas Rua do Gravito AVEIRO

Empreza Central Portuguesa, L.ª (Sucessora de Mala, Martins & Ct.ª, Sue.) 90 - Rua Almeida Cândido dos Reis (à Estação) - AVEIRO Depósito de massas alimenticias, bolacha, e artigos de mercearia Cereais, farinhas e sementes Cardoseto, sabão, estamento, sal, etc., etc;

VIDEIRAS AMERICANAS BARBADOS e enchêrtos das mais resistentes e produtivas castas. Enchêrtos de pereiras das mais finas qualidades. Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho AVEIRO - REQUEIXO

Almanzora em 6 de fevereiro, para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Nas agencias do Porto e Lisboa podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recomendamos toda a antecipação.

Soures & Graça SOC.ª DE PEDROSA & C.ª Armazem de cereais, farinhas, azeitonas e bacalhau, massas, bolachas e aprestos AVENIDA CENTRAL, 14 e 14-B Aveiro

A Portugal, L.ª, Solidéz, elegancia e economia Sempre os ultimos modelos nos preços da fabrica - Depósito geral para o distrito do Aveiro, no estabelecimento de Eduardo Osorio & Filho Armazem de cereais, farinhas e artigos de mercearia - Praça 14 de Julho - Rua dos Lombos Aveiro

Domingos L. da Conceição - PARDELHAS - ESTARREJA - Collectador autorizado e agente de passageiros e passaportes Serviços de procuradoria e andamento de todos os processos: cíveis, comerciais, orfanológicos, criminaes, etc. Além passaportes e torneos passaportes para todas as partes do estrangeiro e Africa-portuguesa mediante simples reconhecimento.

AGENTES No Porto: TAIT & C.ª Em Lisboa: JAMES RAWES & Co. Rua do Corpo Santo, 47-1.ª